

QUE PALPITAÇÃO É ESTA NO CORAÇÃO DA PROFISSÃO FARMACÊUTICA?

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista

A velocidade com que os fatos acontecem no coração da Farmácia, no Brasil, deixa muita gente num estado misto de perplexidade e contentamento. Muitos não conseguem acompanhar o intenso ritmo dos fatos. O Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, em entrevista à PHARMACIA BRASILEIRA, diz que há uma conspiração em favor do farmacêutico

O que, afinal, está acontecendo no mais íntimo da profissão farmacêutica, no Brasil? Uma natural e aguardada mudança fabricada pelo poder econômico, mas sem consequências positivas para o farmacêutico e para a sociedade? Uma transformação planejada pela categoria, uma revolução, que visa a purificar o ambiente profissional e incorporar novos valores e atribuições à profissão, com vistas a fazê-la crescer e ganhar o respeito da sociedade e das autoridades de saúde de todas as esferas de poder? Ou um movimento híbrido, nascido do poder da indústria e do “comércio” farmacêutico, sim, mas fundidos com os propósitos sanitários que palpitam no coração da profissão farmacêutica? As indagações não são imotivadas. A profissão movimentada a uma velocidade tamanha, que muitos não acompanham o seu ritmo. Um farmacêutico que tenha ficado à margem das informações, nos últimos cinco anos, iria assustar-se, ao tomar conhecimento, por exemplo, de novidades, como as ações em prevenção a doenças do tipo diabetes, Aids, as da terceira idade, hipertensão arterial; sobre a intercambialidade de medicamento de marca pelo genérico; sobre o inevitável crescimento dos OTCs (*over-the-counter*), no mundo, e o papel relevante do profissional para transformar o correspondente aumento da automedicação numa prática responsável e segura; a disseminação de um movimento em favor de o farmacêutico ter a sua própria farmácia, com todos os suportes necessários para o sucesso do empreendimento, como recursos financeiros, assessoria em gestão empresarial, *marketing* aplicado à farmácia de farmacêutico etc.. O farmacêutico desatualizado também se impressionaria com as fundas mudanças no currículo do curso de Farmácia, que culminaram com o surgimento da formação em farmacêutico generalista. E então, alguém arrisca a dizer o que está acontecendo na Farmácia? O Presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, não tem dúvida: “A Farmácia está mesmo passando por uma revolução que está deixando marcas positivas em todos os segmentos profissionais”. Para o Presidente, o que está acontecendo é uma virada do vento, uma conspiração em favor do farmacêutico. O Dr. Jaldo de Souza Santos deu esta entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA.



Dr. Jaldo de Souza Santos, em seu gabinete, na sede do CFF, em Brasília. Ao fundo, vista parcial do painel, em tamanho natural, de uma farmácia do século XVII

PHARMACIA BRASILEIRA – Dr. Jaldo, muitas novidades estão acontecendo no seio da profissão farmacêutica. Da incorporação dos serviços de prevenção à saúde pelo profissional até o crescimento dos OTCs (*over-the-counter*), passando pela criação da formação generalista e pelo aumento de associações de farma-

cêuticos proprietários de farmácia, a realidade está mudando. É visionário aquele que diz que o vento está virando em favor do farmacêutico?

Jaldo de Souza Santos – Não é visionário quem afirma isso, como é p e s s i m i s t a aquele que nega que uma mudança profunda e positiva esteja mesmo acontecendo no seio da Farmácia. A profissão está se transformando

na sua totalidade, justamente como teria que acontecer. Antigamente, a gente citava alguns pequenos focos de transformação, nem todos positivos. Hoje, a evolução generalizou-se, pois ela ocorre em todos os quadrantes profissionais. A gente não pode perder a capacidade de entender esta dimensão do nosso próprio tempo.

A Farmácia, hoje, é diferente da que era, há dez anos. E o que mais gostaria de salientar é que a alavanca para a transformação é a qualidade. O farma-

cêutico tem na busca da qualidade e na permanente atualização dos conhecimentos os seus referenciais. Esses fatores fazem dele um profissional técnico e cientificamente respeitado. Ou seja, nós não estamos crescendo sob uma base falsa, mas muito sólida.

Quer seja na Farmácia Clínica, quanto nas Análises Clínicas, na Indústria, na Toxicologia e em qualquer outro segmento, a qualificação é como se fosse uma oração que tem que se rezar todo dia. Ninguém relaxa quanto à reciclagem dos seus conhecimentos e de sua qualificação.

No caso específico da Farmácia Clínica, o que está acontecendo é auspicioso e arrebatador. É, neste segmento, em que atua a maioria dos profissionais, fato que, por si só, já justificaria qualquer dificuldade de uma inovação maciça. Pois é em meio a essa dificuldade potencial que floresce a tão sonhada mudança cujo ponto focal é o elo firmado entre o farmacêutico e o paciente. Isso representa tanta coisa, como o resgate da atenção farmacêutica (agora, numa visão muito mais ampla); o alinhamento do estabelecimento com as correntes farmacêuticas internacionais que pedem o envolvimento definitivo e intenso do profissional com a atenção primária como uma forma de ajudar a resolver grande parte dos problemas de saúde dos povos; a ação direta do farmacêutico na prevenção a doenças; a satisfação do profissional, hoje, melhor qualificado, inclusive fora da Universidade, em praticar



aquilo para o qual foi preparado.

Daí, derivam outras situações importantes, como o desejo do farmacêutico de ter a sua própria farmácia, o respeito que ele ganha da comunidade e das autoridades de saúde, a fidelização do público usuário de medicamento à farmácia onde o profissional atua.

Um dia, esses serviços clínicos estarão tão valorizados, tão reconhecidos, que inevitavelmente o farmacêutico será remunerado por eles. Aliás, a remuneração pelos serviços de orientação foi um dos temas discutidos no Congresso da Federação Farmacêutica Internacional (FIP), em Nice, na França, no mês passado. O Tesoureiro do Conselho Federal, o Dr. Salim Tuma Haber, foi quem participou daquela rodada de debates. Eu acho que é muito cedo para se falar disso, no Brasil.

Chamo atenção para uma coisa: além das novidades que estão sendo agregadas à profissão, como a prevenção à saúde, muitas coisas antigas estão sendo reavaliadas, revisadas e atualizadas, como o próprio currículo do curso de Farmácia, que passou por um processo – democrático, diga-se de passagem, pois foi decidido por todos os segmentos da categoria – de modernização impressionante. Essa atualização, que resultou no surgimento do farmacêutico generalista, vai colocar futuras gerações de farmacêuticos em consonância com as novas necessidades do mundo moderno.

PHARMACIA BRASILEIRA – As mudanças são frutos de um esforço comum gerado dentro da

“O farmacêutico é uma mina que não está ainda totalmente explorada. Ele é um profissional que tem uma preparação acadêmica cada vez mais intensa e se sentiria frustrado, se não tivesse o que fazer com todo esse conhecimento, de forma plena. Por isso, o farmacêutico quer que a sociedade usufrua dos seus serviços”

categoria, ou vêm de fora, por pressão econômica, como é o caso do aumento dos OTCs?

Jaldo de Souza Santos – Ninguém mais pode conceber a idéia de mudança, sem o envolvimento de todas as forças motrizes da sociedade. O poder econômico pode estar pressionando, num sentido, mas acaba gerando uma reação em cadeia, em sentido contrário. Desse antagonismo, nascem as mudanças, resultado de um terceiro esforço, que é o de equacionar as forças e de encontrar as alternativas. Quando as indústrias resolveram aumentar a produção de OTCs e forçar o seu consumo, os planos de saúde privados, os hospitais, as clínicas e os governos, nos países de Primeiro Mundo, passaram a agir, com vistas a prevenir contra os perigos da automedicação. Como? Eles deixaram claro que os OTCs somente deveriam ser adquiridos, com o acompanhamento do farmacêutico, fazendo com que surgisse a automedicação responsável. Isso é só um exemplo.

PHARMACIA BRASILEIRA - A expansão das atribuições profissionais, com a incorporação da prevenção à saúde, é um desses sonhos que custam a se concretizar?

Jaldo de Souza Santos – De jeito nenhum. Aliás, a prevenção já não é mais um sonho apenas, pois já está virando realidade, está saindo do papel. Em setembro deste ano, o Conselho Federal de Farmácia, o Fórum Farmacêutico das Américas (FFA) e a Organização Pan-americana de Saúde (Opas), colocaram em execução um projeto piloto de prevenção para farmacêuticos que atuam em farmácias comunitárias. Ele é executado, na cidade de Ouro Preto (MG). Trata-se do primeiro projeto de treinamento de profissionais

que atuam nas farmácias comunitárias, com o objetivo de que prestem serviços de prevenção em hipertensão arterial. Depois, será a vez de outras doenças, como as da terceira idade, diabetes e Aids.

Este projeto será disseminado pelo Brasil afora, sempre através desta parceria CFF/FFA. Acredito que, dentro de uns três anos, o farmacêutico das grandes cidades já esteja fazendo plenamente este atendimento. A prevenção a doenças realizada pelo farmacêutico é uma recomendação da OMS (Organização Mundial da Saúde) e da Federação Farmacêutica Internacional. Elas vêm no farmacêutico um profissional altamente qualificado para essa função e entendem a farmácia como um posto de atenção primária por excelência. Então, porque não transformar estas duas forças numa energia transformadora da saúde?

Portanto, eu diria que este piloto é algo emblemático, no Brasil, dentro deste contexto de expansão profissional. Vale observar que o seu sucesso prova o nível de maturidade e o desejo do nosso profissional de assumir esta nova tarefa. Preciso salientar que o piloto foi organizado pela Dra. Micheline Meiners, farmacêutica brasiliense e coordenadora da Secretaria do FFA, que tem sede, em Washington, nos Estados Unidos. A execução do projeto conta com a especial participação da Escola de Farmácia de Ouro Preto e apoio da Secretaria Municipal de Saúde daquele Município.

PHARMACIA BRASILEIRA – O farmacêutico quer prestar mais este serviço – o de prevenção à doença?

Jaldo de Souza Santos – O farmacêutico é uma mina que não está ainda totalmente explo-

rada. Ele é um profissional que tem uma preparação acadêmica cada vez mais intensa e se sentiria frustrado, se não tivesse o que fazer com todo esse conhecimento, de forma plena. Por isso, o farmacêutico quer que a sociedade usufrua dos seus serviços, quer que ela *explore o seu ouro*. O farmacêutico sente-se feliz, quando está ao balcão da farmácia orientando o paciente sobre o medicamento, ou sobre como prevenir alguma doença. No dia em que os sistemas de saúde público e privado e todas as autoridades de saúde do País, em todas as suas esferas de poder, souberem da força que é o farmacêutico, a saúde do brasileiro passará a ser outra muito melhor.

PHARMACIA BRASILEIRA - A intercambialidade do medicamento de marca pelo genérico como um ato exclusivo e intransferível do farmacêutico reforça o crescimento das funções clínicas do farmacêutico?

Jaldo de Souza Santos - A expansão profissional tem um aliado de peso na intercambialidade. A Lei dos Genéricos, ao determinar a exclusividade do farmacêutico no ato de intercambiar um medicamento de marca por um genérico, ratifica todo o conjunto da legislação sanitária brasileira já existente, que determina que a dispensação somente pode ser exercida pelo farmacêutico. Portanto, a intercambialidade é uma solidificação importan-

“Se não existisse a figura do farmacêutico para fazer a dispensação do OTC ao paciente, transformando um risco em algo seguro, aí, sim, eu diria que eles seriam uma das grandes pragas da humanidade”

te do que já existe e deixa claro a importância do ato farmacêutico, que é um valor que precisa sempre ser agregado ao produto para que ele adquira segurança e se transforme verdadeiramente em medicamento, no sentido mais fundo da palavra.

PHARMACIA BRASILEIRA – O consumo de OTCs - os medicamentos livres de receita médica - estão crescendo, no mundo inteiro. No Brasil, a produção de OTCs representa 30% do faturamento total do mercado farmacêutico brasileiro. Os números, que já são elevados, vão crescer mais 15%, nos próximos cinco anos, de acordo com previsão do Presidente da Abiar (Associação Brasileira da Indústria de Automedicação

Responsável), Olavo Fontoura Vieira. Esse crescimento é preocupante?

Jaldo de Souza Santos – O crescimento no volume de vendas de OTCs será cada vez maior. Trata-se de uma realidade sem volta. Eu até diria que essa classe de medicamentos é importante na atenção primária. Porém, uma coisa tem que ficar muito bem clara: eles somente devem ser usados com o acompanhamento rigoroso do farmacêutico. Se não existisse a figura do farmacêutico para fazer a dispensação do OTC ao paciente, trans-

formando um risco em algo seguro, aí, sim, eu diria que eles seriam uma das grandes pragas da humanidade.

O acompanhamento farmacêutico é o que se denomina de automedicação responsável. No Primeiro Mundo, os planos de saúde estimulam o paciente a só comprar OTCs, se a compra se der sob os cuidados do farmacêuticos. O objetivo é evitar a hospitalização decorrente do mau uso, das interações e dos efeitos indesejáveis do medicamento etc. A hospitalização onera muito os serviços de saúde e gera transtornos para o paciente. É tudo o que os serviços de saúde não querem. A sorte é que eles têm no farmacêutico o seu grande aliado.

A automedicação assistida pelo farmacêutico é uma realidade tão viva e tão importante que, no País, já existe, como você citou, a Associação Brasileira da Indústria de Automedicação Responsável (Abiar). No exterior, principalmente na Europa, há várias organizações do gênero. Não se pode desconhecer a realidade dos OTCs. Acho que a automedicação responsável ou assistida pelo farmacêutico precisa, logo, ser regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Estamos dispostos a colaborar com esse órgão.

Gostaria de dizer que há um interesse mútuo de aproximação entre as duas entidades - o Conselho Federal de Farmácia (CFF) e a Abiar -, com vistas ao fortalecimento da automedicação assistida pelo farmacêutico. Será o grande momento para, junto à Anvisa, regulamentarmos esta prática.

PHARMACIA BRASILEIRA – A mudança no ensino acadêmico de Farmácia, que culminou com a criação da figura do far-

macêutico generalista, vem na esteira dessas transformações?

Jaldo de Souza Santos – Sim, ela tem a ver com essas transformações e também com uma nova necessidade do mercado empregador, que deseja um profissional de conhecimentos vastos, profundos e múltiplos. O farmacêutico, daqui para a frente, terá de ser aquele que entenda da planta industrial, do universo das análises clínicas, como estará apto a prestar todas as orientações a um paciente sobre um medicamento e sobre algumas doenças. Como dominará todas as áreas profissionais, ele terá uma visão ampla para atuar. Quando falar sobre doença, ele usará da experiência de analista clínico. Isso o tornará um profissional multiqualificado.

PHARMACIA BRASILEIRA – Mas para tudo isso se consolidar, o farmacêutico não tem que estar na farmácia? Em muitas, ele ainda não está presente.

Jaldo de Souza Santos – Não é bem assim. Nos grandes centros, a absoluta maioria das farmácias e drogarias, principalmente as grandes redes, já conta com o farmacêutico presente. Nas pequenas cidades, temos problemas, sim, mas discutimos, cada vez, com mais abrangência, formas de chegarmos à assistência plena nas farmácias do interior. As dificuldades, aí, são maiores, mas não demorará muitos anos e chegaremos ao ponto desejável.

PHARMACIA BRASILEIRA – Está crescendo, no Brasil, o movimento em favor da propriedade da farmácia pelo farmacêutico. Este inclusive é um dos assuntos de capa desta edição de PHARMACIA BRASILEIRA. O que o CFF pode fazer para estimular o crescimento das organizações

“O farmacêutico estava muito acostumado a ser a segunda pessoa dentro da farmácia, na condição de sócio minoritário ou de empregado. Agora, ele está montando a sua própria farmácia, mas trazendo um ingrediente importante a esta iniciativa: o estabelecimento não é um negócio, mas um espaço para a prática de saúde”

farmacêuticas voltadas para este objetivo?

Jaldo de Souza

Santos – O CFF está disposto a ajudar essas organizações, como a Anprofarma, em Goiás, e a Farma&Farma, em Santa Catarina, bem como quaisquer outras, promovendo, por exemplo, cursos de reciclagem em *marketing* aplicado à farmácia para os farmacêuticos associados etc. Importa dizer que o farmacêutico está deixando de se preocupar com o emprego, para se tornar dono do seu próprio estabelecimento, já que o setor de farmácias está prosperando.

O farmacêutico estava muito acostumado a ser a segunda pessoa dentro da farmácia, na condição de sócio minoritário ou de empregado. Agora, ele se agrupa em organizações ou redes, com o objetivo de criar a sua própria farmácia, mas trazendo um ingrediente importante a esta iniciativa: o estabelecimento não é um negócio, pura e simplesmente, mas um espaço para a prática de saúde.

Se como empregado o farmacêutico já tem cuidados sanitários, imagina sendo o estabelecimento de sua propriedade. É óbvio que ele fará muito mais, pois aliará as obrigações legais e técnicas ao prazer de atuar naquilo que é seu. Faz lembrar o escritor Monteiro Lobato, que disse que “o farmacêutico sorri filosoficamente no fundo do seu laboratório, ao aviar uma receita...”. Adaptando à realidade das farmácias de farmacêutico, hoje, eu diria que o farmacêutico, do alto do seu preparo acadêmico, sorri, emocionado, por poder prestar um bom serviço de saúde à po-



pulação dentro de sua própria farmácia. PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor esteve, em Nice, na França, com o Tesoureiro do CFF, Salim Tuma Haber, participando do Congresso da Federação Internacional de Farmacêuticos (FIP). Entre outros assuntos, os

senhores discutiram a prevenção a doenças, algo que o CFF já está disseminando, no Brasil. Significa que a filiação do CFF à FIP já está dando resultados proveitosos?

Jaldo de Souza Santos – Sim.

A FIP é um organismo que se pauta nas questões sociais envolvendo a participação ativa do farmacêutico, como a prevenção a doenças. Outra preocupação daquela entidade é fazer com que os países membro mantenham o farmacêutico do topo do conhecimento técnico-científico, através da reciclagem permanente. Por isso, nós propusemos a nossa filiação, que foi aprovada por unanimidade, há cerca de dois anos, e, de lá para cá, muita coisa mudou, positivamente. Fomos o primeiro País latino-americano a entrar para aquele organismo, o que já suscitou o interesse de outros países do Continente.

Neste meio tempo, já tivemos a visita do então presidente Peter Kielgast e, depois, do seu sucessor, que à época era o vice-presidente, Jean Parrot. Isso deve ser entendido como um gesto de boa vontade deles para com o farmacêutico brasileiro. Aliás, a FIP passou a acompanhar a realidade farmacêutica do Brasil, com muito interesse, porque estamos desenvolvendo ações importantes e exemplares que estão mudando o panorama farmacêutico do País.

A FIP é uma organização muito forte e tem grande penetração junto à OMS e aos governos de vários países. Ela transita bem entre as autoridades de saúde do mundo, mostrando-lhes a importância do farmacêutico no contexto da saúde. Assim, queremos que ela se junte a nós no trabalho de convencimento que estamos fazendo aos governos Federal, estaduais e municipais, com o objetivo de incluir o farmacêutico em todos os programas de saúde.

PHARMACIA BRASILEIRA – Todas essas mudanças revelam o que?

Jaldo de Souza Santos –

Com essas mudanças, podemos fazer uma radiografia da profissão. Essa radiografia revela que a transformação é realmente grande e sem volta. O farmacêutico que atua na farmácia comunitária vai mesmo deixando de ser um especialista apenas em medicamento para se tornar um clínico, à medida em que se aproxima mais do paciente, com vistas a prevenir-lhe a doença, através de suas orientações. Todos ganham com isso: o paciente, o farmacêutico, a farmácia, a rede privada de saúde e o Sistema Único de Saúde. A prevenção evita a formação de doenças, o inchaço dos hospitais e despesas para os sistemas de saúde. Portanto, este quadro da Farmácia, hoje, é muito animador.

Noutras palavras, este elenco de mudanças prova que o farmacêutico é imprescindível, como sempre foi, à saúde. E, agora, ele é mais imprescindível que nunca, diante das próprias transformações que o setor vem sofrendo, no mundo. E o Brasil não foge à regra. Para concluir, eu diria que tudo isso é uma conspiração em favor do farmacêutico.